

Telemedicina na era da transformação digital em saúde



Profª Ma. Raquel Acciarito Motta

Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Especialista em UTI, Pós-graduada em Administração Hospitalar e Especialista em Educação a Distância. Sócia proprietária da Prisma Consultoria em Saúde e Prisma Digital, onde atua como diretora executiva, pesquisadora e consultora no gerenciamento de processos, adequação de modelos educacionais corporativos e implementação da transformação digital nas organizações de saúde. Professora da Residência Multiprofissional em Emergências Clínicas e Traumas e Especialização em UTI na Universidade Santo Amaro - UNISA.

Com o aprimoramento dos recursos digitais conectados, cada vez mais acessíveis à população, a utilização e as definições encontradas sobre a Telemedicina (TM), tem ficado ainda mais claras.

A depender de suas características e aplicabilidade, ela pode ser definida de algumas formas, como destaca o Prof. Dr. Chao Lung Wen¹: distância física entre as comunidades que necessitam de assistência daquela que provê o serviço médico; uso de recurso tecnológico conectado em substituição à presença física para realizar a assistência; sistematização do processo de teleassistência com desenvolvimento de protocolos clínicos; estrutura de segurança, qualidade e sigilo dos dados, com a devida segurança da informação (LGPD em saúde).

Com base nestas características e olhando para a atuação de diversas equipes, a TM é uma atividade da união de profissionais da equipe multiprofissional em saúde, incluindo profissionais de TI, que criam uma importante sinergia para o desenvolvimento de atividades que visam promover e disseminar as melhores práticas assistenciais com foco em mitigar os agravos à saúde da população, mesmo em locais mais remotos do nosso país.

A TM poderá solucionar alguns desafios prementes na área da saúde, tais como: a ampliação do acesso a serviços médicos especializados por localidades distantes dos grandes centros, onde não há especialistas em determinadas áreas; reforçar o acompanhamento contínuo da saúde dos indivíduos; levar ações de

melhoria e qualidade para a atenção básica à saúde, reduzindo o tempo gasto entre o diagnóstico e a terapia; ao racionalizar os custos e ao dar apoio à vigilância epidemiológica, com a identificação e rastreamento dos problemas de saúde pública.²

Para que possamos implementar e organizar a TM de forma adequada no Brasil, precisaremos formar nossos alunos da área da saúde: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, entre outros, para o uso responsável e consciente de recursos tecnológicos digitais para o cuidado híbrido eficaz, sem perder a ênfase na qualidade da assistência ao paciente, na humanização e nos aspectos éticos- legais em sua utilização. ■

REFERÊNCIAS

1. Wen CL. Telemedicina e Telessaúde. Uma abordagem sob a visão de estratégia de saúde apoiada por tecnologia. Atualidades Brasileiras em Telemedicina & Telessaúde, 2016. Disponível em: <http://chaowen.med.br/artigos/telemedicina-e-a-telessaude-uma-abordagem-sob-a-visao-de-estrategia-de-saude-apoiada-por-tecnologia/>

2. Caetano, R. et al. (2020) Desafios e oportunidades para telessaúde em tempos da pandemia pela COVID-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. Cad. Saúde Pública. Disponível em [php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000503001](http://www.scielo.br/csp/pdf/s0102-311X2020000503001)